

Ordem familiar em contos de Machado de Assis

Amanda Rios Herane¹

Resumo

Nesta comunicação, apresentam-se resultados parciais da pesquisa *Imagens familiares: casamento e ordem social em Machado de Assis e seus contemporâneos (1860-70)*, que tem como objetivo apreender representações de aspectos da ordem familiar na prosa machadiana das décadas de 1860 e 1870, inscrevendo-as no contexto social e literário do escritor, a partir da comparação de textos ficcionais de Machado de Assis com obras ficcionais de outros autores brasileiros contemporâneos pertencentes ao recorte temporal estabelecido, dentro desse eixo temático. A pesquisa se divide, assim, em dois momentos: o estudo da prosa machadiana da “primeira fase” e o estudo comparativo dessa prosa com produções de autores coevos. Serão expostos problemas encontrados na primeira parte do trabalho. Considerando a leitura dos quatro primeiros romances machadianos e de 96 contos produzidos pelo escritor durante as décadas de 1860 e 1870, encontramos três vertentes de reflexões acerca de aspectos relativos à ordem familiar: em uma delas, questões pertinentes à família aparecem vinculadas a debates literários; em outra, relacionam-se ao problema da inserção do indivíduo na ordem social; e, por fim, na vertente que será explorada, paradigmas de constituição familiar atrelam-se a uma discussão sobre possibilidades de transformações sociais no contexto de transição de padrões familiares vivenciado pela sociedade brasileira do século XIX, marcado pela convivência de valores patriarcais com a sensibilidade da burguesia emergente. Para abarcar essa última vertente, examinaremos quatro contos de Machado de Assis: “Confissões de uma viúva moça”, de 1865; “A pianista”, de 1866; “O anjo Rafael”, de 1869; e “Um para o outro”, de 1879. A leitura dessas narrativas nos indica um percurso reflexivo no qual se defende a necessidade de mudanças sociais, mas se procurando congregando modernização e “bons valores” patriarcais.

Palavras-chave

Machado de Assis; casamento; família; ordem social

¹ Desenvolve doutorado em Literatura Brasileira pela USP, com bolsa de pesquisa concedida pela FAPESP. E-mail: amanda.herane@gmail.com.

Propõe-se, aqui, a apresentação de resultados parciais da pesquisa intitulada *Imagens familiares: casamento e ordem social em Machado de Assis e seus contemporâneos (1860-70)*. O estudo divide-se em dois momentos. O primeiro deles se define pela leitura de contos e romances de Machado de Assis pertencentes à usualmente denominada “primeira fase” machadiana, com foco na apreensão de representações de aspectos da ordem familiar (casamento, relação entre pais e filhos, padrões de organização da família). O segundo se caracteriza pelas leituras de obras de outros autores brasileiros do período, a partir do mesmo enfoque. Diante desse material, tentaremos entender como e em que medida Machado de Assis se posicionou sobre questões que circulavam em seu tempo e lugar, no que tange ao objeto da pesquisa.

A primeira parte do trabalho revelou a existência de três vertentes de reflexões em torno da ordem familiar no conjunto da produção de Machado de Assis pertinente ao recorte estabelecido. A comunicação buscará explorar uma delas, concernente mais especificamente aos contos do autor, em que paradigmas de constituição familiar atrelam-se a um debate sobre possibilidades de transformações sociais, no contexto de uma sociedade em transição, na qual valores patriarcais conviviam com a sensibilidade da burguesia emergente.² Para o empreendimento dessa tarefa, serão abordados quatro contos de Machado de Assis que “condensam” esse eixo de discussão: “Confissões de uma viúva moça” (1865), “A pianista” (1866), “O anjo Rafael” (1869) e “Um para o outro” (1879), tendo os três primeiros sido originalmente publicados no “Jornal das Famílias”, e o último no periódico “A Estação”.³

Em “Confissões de uma viúva moça”, a personagem Eugênia envia uma série de cartas à sua confidente, Carlota, contando-lhe sobre a história de amor extraconjugal que vivera com Emílio, antes de ficar viúva. Eugênia não chegara a trair o marido, mas se sentia culpada. Ao longo das missivas, ela justifica seu interesse por Emílio,

² Sobre essa questão da transição de paradigmas sociais, ver CANDIDO (1951), FREYRE (2004), PRIORE (2006).

³ Consultou-se o conto “Confissões de uma viúva moça” na edição crítica da coletânea *Contos fluminenses*, de Machado de Assis, publicada pela Civilização Brasileira (ASSIS, 1975). Os demais contos foram consultados na obra completa de Machado de Assis publicada pela Nova Aguilar (ASSIS, 2008).

apresentando como uma das explicações para essa inclinação o fato de que era infeliz no matrimônio. A personagem remonta essa infelicidade à constituição de seu casamento, que fora resultado não do amor, mas de um “cálculo” e uma “conveniência” de seus pais. Porém, ela crê que os pais não teriam deixado de pensar em sua felicidade, e que o marido podia tê-la feito feliz, se tivesse sabido compensar a falta de amor fazendo-se mais presente na vida conjugal.

Podemos dizer que o casamento por arranjo dos pais se inscrevia em um tipo de prática matrimonial comum no século XIX. De acordo com a historiografia sobre o tema, os casamentos no Brasil oitocentista, especialmente entre as elites, de forma geral não dependiam da escolha individual dos cônjuges, baseando-se fundamentalmente em interesses de grupos familiares, o que correspondia a uma forma de união característica da organização familiar patriarcal.⁴ Nesse sentido, mostrando que o consórcio decidido pelos pais frustrara Eugênia, “Confissões de uma viúva moça” indica a necessidade de mudanças na relação entre pais e filhos tal como se constituía no mundo patriarcal, no sentido de que os filhos tivessem maior autonomia, ou seja, pudessem se casar por livre escolha, em sintonia com valores da burguesia ascendente. Ao mesmo tempo, visto que Eugênia desculpa seus pais, o conto sugere que essas mudanças precisariam ocorrer sem desacato à autoridade paterna.

Em “A pianista”, entrevê-se como seria possível sustentar a autonomia dos filhos preservando-se o vínculo deles com o pai. No conto, a professora de piano Malvina e o irmão de uma de suas alunas, Tomás, apaixonam-se, mas, devido à desigualdade de classe social existente entre ambos, enfrentam a oposição de Tibério, pai do moço, ao casamento. Tomás se casa com Malvina à revelia de Tibério, que se afasta do filho. Contudo, ao final, Tibério acaba se reaproximando de Tomás, ao perceber que seu dever de pai seria respeitar os sentimentos do filho. Assim, a obra oferece como “solução” para que as gerações se entendessem, nas situações em que os pais continuassem buscando exercer controle sobre o casamento dos filhos, a ideia de que esses últimos precisariam

4 A esse respeito, ver CANDIDO (1951), SAMARA (1987/1988), PRIORE (2006).

saber esperar, pois os pais compreenderiam seu dever e se conformariam com as escolhas dos filhos.

Em “O anjo Rafael”, a coerção paterna é colocada em um contexto no qual é dissolvida. No conto, o major Tomás determina o casamento de sua filha, Celestina, com Antero, filho de um antigo amigo de Tomás. Para obter isso, o major decide prender Antero em sua casa, afastada do “centro populoso da cidade do Rio de Janeiro”, até que o moço consentisse nesse matrimônio. As ações autoritárias que Tomás toma em relação à filha e a Antero, no entanto, são depuradas do autoritarismo, na medida em que o major é louco – e, portanto, sua conduta não é digna de crédito –, e em que Celestina e Antero acabam se apaixonando e se unindo por livre vontade. Expurgado de suas relações de poder, o universo patriarcal, que a figura do major representa, é visto, na obra, em chave positiva: a estada na casa de Tomás ensina a Antero bons valores, como simplicidade, confiança e gratidão, servindo de antídoto aos “vícios” que o personagem trouxera da cidade, a saber, os excessos materiais e a falta de vínculo entre as pessoas. O texto não chega a ser inteiramente passadista, visto que não defende um retorno à sociabilidade patriarcal, apreendida de forma descaracterizada e posta no campo da loucura. Mas vê nela inspiração para imaginar um mundo ideal, que agregasse os “bons valores” do velho mundo ao emergente mundo burguês da cidade, para o qual Antero deve retornar e levar Celestina, resgatando-a da reclusão que a punha em risco de enlouquecer como o pai.

Por fim, em “Um para o outro”, as questões do autoritarismo e da reclusão voltam a aparecer. No conto, o coronel Trindade, ao falecer, deixa aos filhos, Henriqueta e Julião, a recomendação de que vivessem “um para o outro”. Os irmãos interpretam essas palavras derradeiras do pai sem mediações, entendendo que o coronel desejava circunscrever as relações deles ao círculo da família “original”, impedindo-os de criar famílias novas. Assim, o distanciamento do que é externo à família, traço da ideia de reclusão patriarcal que é remetido na fala de Trindade, é extrapolado pelos irmãos, simbolicamente, no campo do incesto. A autoridade do pai, outro traço do mundo patriarcal, também é levada ao extremo, na medida em que Henriqueta e Julião seguem sem questionar aquilo que

imaginam ter sido a última vontade do pai, dispensando pretendentes. Desse modo, “Um para o outro” apresenta duas amarras do mundo patriarcal, reclusão e autoritarismo, na esfera do delírio, como reminiscências distorcidas e impertinentes de dois irmãos, que, por elas, acabam fazendo um “voluntário e ocioso sacrifício”. Nesse sentido, o universo de sensibilidade patriarcal, visto como superado em “O anjo Rafael”, “reaparece” aqui como fantasma, do qual a nova geração, passiva, ainda não fora capaz de se livrar.

A leitura dos contos escolhidos tece uma linha de argumentação, que reflete questões postas no conjunto dos contos de Machado de Assis produzidos nas décadas de 1860 e 1870. Essas obras indicavam a necessidade de mudanças sociais, mas dentro de uma proposta de reforma conservadora, que se baseava na expectativa de consenso entre a nova e a velha geração, e tinha como ideal um mundo que reunisse modernização e “bons valores” patriarcais. Porém, já no final da década de 1870, os contos machadianos mostravam-se menos esperançosos em relação a essas mudanças, entendendo que a nova geração nem sempre tinha energia para concretizá-las.

Referências bibliográficas

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Contos fluminenses*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

_____. *Machado de Assis: obra completa em quatro volumes*. Organização de Aluizio Leite Neto, Ana Lima Cecilio, Heloisa Jahn. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008, 4 v.

CANDIDO, Antonio. The Brazilian Family. In: SMITH, T. Lynn; MARCHANT, Alexander (Ed.). *Brazil: portrait of half a continent*. New York: The Dryden Press, 1951.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos: Decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano*. São Paulo: Global, 2004.

PRIORE, Mary Del. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006.

SAMARA, Eni de Mesquita. Estratégias matrimoniais no Brasil do século XIX. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.8, n.15, p. 91-105, set. 1987/fev.1988.